

## INTRODUÇÃO

### **Esquerdas radicais ibéricas**

Em 22 e 23 de Novembro de 2018 realizou-se em Lisboa, no Museu do Aljube – Resistência e Liberdade, o colóquio internacional “Esquerdas radicais ibéricas, processo revolucionário e transição democrática – ruptura e consenso. Perspectivas comparadas”, que juntou um conjunto de historiadores portugueses, espanhóis, húngaros e russos, que analisaram a importância dos grupos de esquerda radical no processo revolucionário português e na transição espanhola.

O Colóquio corresponde à abertura de uma linha de trabalho nesta temática, que pretendemos venha a configurar uma rede internacional de centros de investigação e de investigadores, considerando que o mosaico partidário ou proto-partidário existente na década de 70 do século XX em Portugal e em Espanha, quando findaram as ditaduras, não pode excluir a constelação de pequenas organizações que se situavam à esquerda dos partidos comunistas tradicionais, oriundas, na sua maioria, de processos de diferenciação ocorridos no seu seio, cujas raízes mais recentes bebem num caldo político-cultural onde se entrecruzavam e antagonizavam influências da revolução cubana e da revolução cultural chinesa, reacções ao XX Congresso do PCUS e à invasão militar soviética na Checoslováquia, ou das múltiplas formas de pensamento e acção que Maio de 68 libertou.

Grupusculares na maioria dos casos, profundamente sectárias e dogmáticas, com níveis de implantação diferenciada, mas sobretudo escassas no mundo do trabalho, a sua acção sobretudo de agitação e propaganda, fez um caminho sinuoso marcado por um sistemático acentuar de princípios e de divergências, de pequenas e grandes cisões. Porém, o seu corpo de dirigentes e militantes congregou inteligências e vontades de uma geração nascida no segundo pós-guerra, sob os ventos da guerra fria e do desenvolvimento do capitalismo e da sociedade de consumo. Pelo seu voluntarismo, espírito de entrega e activismo desassombrado, marcaram impressivamente os últimos anos sessenta e os anos setenta.

Maoístas e trotskistas, luxemburgistas e internacional situacionistas, autogestionários e neo-estalinistas, gramscianos e libertários, a queda das ditaduras ibéricas proporcionou-lhes processos de reconfiguração e de crescimento na especificidade dos processos que se seguiram, cujo estudo com-

parativo ajudará a clarificar não só os espaços de interação e solidariedade, como de convergência ou abjunção de posicionamentos, actuações e desenvolvimentos no espaço peninsular.

Um preconceito ideológico e uma espécie de normatividade tácita tem desvalorizado historiograficamente o papel desempenhado pelas esquerdas radicais nesses processos, pelo que este livro pretende constituir um contributo para reequilibrar a abrangência das abordagens.

A organização deste volume mantém o essencial da estrutura do Colóquio, em termos de conferências e mesas temáticas. Assinalam-se tanto estudos de conjunto e de incidência comparativa sobre a realidade ibérica como estudos de caso de âmbito nacional ou regional, tanto abordagens de natureza estritamente políticas, como da relação da esquerda radical com os movimentos sociais.

A Comissão Organizadora do Colóquio agradece em particular ao Museu do Aljube – Resistência e Liberdade todo o apoio expresso quer na organização do Colóquio quer na edição deste volume.

#### Comissão organizadora

- Albérico Afonso Costa Alho  
(ESE/IPS; IHC-FCSH/NOVA)
- Ana Sofia Ferreira  
(IHC-FCSH/NOVA)
- Constantino Piçarra  
(IHC-FCSH/NOVA)
- João Madeira  
(IHC-FCSH/NOVA)
- Miguel Pérez  
(IHC-FCSH/NOVA)